

Aprender com Exu, *transfazer* com Exu

Francine de Souza Dias

[Assistente Social. Doutoranda Ensp/Fiocruz]

Em 21 de março último foi comemorado, pela primeira vez,

o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé.

Na mesma semana, completamos duas décadas de políticas públicas raciais no país, ocasião em que o Governo Federal assumiu novas medidas antirracistas para seguir com a necessária reparação histórica.

Grande parte dessas medidas está relacionada ao direito às tradições e memórias.

Pode um povo viver sem memória? Pode um povo ter suas memórias e tradições ancestrais roubadas, apagadas, reeditadas pelo colonizador? Tal movimento está em andamento desde o saqueamento do continente africano e o país com maior presença afrodiaspórica ainda tem muito a fazer para reparar os imensuráveis efeitos da escravização sobre os corpos e saberes do povo negro. E porque sempre houve resistência, movimentos contracoloniais, aqui estamos falando de Exu. Por essa oportunidade, cumprimento, saúdo e celebro os que vieram antes.

Inspirada nessa semana de lutas e conquistas, evoco memórias ancestrais para lembrar que Exu não é o diabo.

Não é diabo porque não existe diabo na cosmogonia africana, nos saberes que há milhares de existências resistem, apesar dos inúmeros esforços epistemicidas na sua direção. A associação de Exu ao diabo foi um empreendimento colonial

bastante bem sucedido, por muito tempo e em muitos lugares, porque a colonização,

como ensinou Walter Mignolo, ocupa-se dos nossos modos de conhecer, compreender e sentir.

Pode Exu, como convocou Manoel de Barros, nos ajudar a *avançar para o começo*, a *transver* o mundo?

Pode Exu nos ajudar a conhecer, compreender e sentir de maneira transformada?

Exu não tem gênero, não carrega atributos do masculino ou do feminino, como ensinou Oyèrónké Oyèwùmí.

Sua masculinização é ocidental. Exu é concebido como a divindade mais próxima de nós,

aquele que nos conecta a tudo o que existe porque ele é movimento, é comunicação.

O caráter ancestral de Exu, *Yangí*, nos coloca diante da força reconstrutora da vida e de outros possíveis.

Exu nos ensina a engolir o que está à nossa frente para que possamos cuspir de maneira transformada,

devolvendo ao mundo princípios éticos necessários ao bem viver,

à instauração de trocas recíprocas e interdependentes porque mobilizadas pelo Axé, nossa força vital.

Essa força vital é matéria de encanto, como lembrou Luiz Rufino. Exu, portador do Axé, guarda a potência da reinvenção e da transgressão, nos coloca diante das encruzilhadas da vida para nos lembrar que sempre haverá muitos caminhos,

muitas maneiras de habitar um corpo e de existir com ele.

Que nosso valor reside na capacidade de realizar boas trocas, trocas justas, como nos ensina Babá Sidnei Nogueira.

Por habitar o corpo, Exu faz acontecer o *Agroval* de Manoel, nos desabrindo para a *inauguração de um outro universo*, um movimento capaz de nos reerguer frente à máquina de moer gente denominada capitalismo – e todas as suas engrenagens racistas, capacitistas, sexistas, etaristas, LGBTQI+fóbicas, gordofóbicas e muito mais.

Deleuze nos lembrou que essa forma de poder, desencantada, necessita de corpos tristes para se estruturar.

Que Exu, *senhor da alegria rara e dono do corpo que samba*, como nos cantou Fabiana Cozza,

esteja conosco nesse processo de repotencialização.

A quem interessa o apagamento de Exu? A quem interessa o apagamento de saberes tão potentes e revolucionários na dinamização de nossas vidas

e relações, principalmente a sua potência na formação

desse mesmo povo preto historicamente saqueado e violentado?

Seria o diabo um grande guardião colonial?

■ ■ ■

Descrição da imagem: fotografia noturna de um muro branco, com manchas de umidade na base e no topo, onde se lê a frase "EXU TE AMA", em letras pretas.



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.